

# O Naufrágio do Guinevere

A história de quatro dias dentro de um furacão, com a morte rondando o barco nunca além da próxima onda

**O** DIA 5 DE MARÇO de 1962, segunda-feira, trouxe consigo o milagre sempre nôvo do alvorecer após uma noite no mar. Eu guarnecia o leme do *Guinevere*, nosso pequeno iate de 12 metros, e ao meu lado encontrava-se Heather, minha mulher. Pela pôpa via-se a cidade de Charleston, na Carolina do Sul, fracamente iluminada pela claridade difusa da manhã que surgia.

Estávamos voltando para Saint Thomas, nas Índias Ocidentais, depois de uma temporada de férias nos Estados Unidos. No ano anterior vivêramos em Londres, eu como professor e minha mulher como enfermeira. Mas ambos detestávamos morar em cidades, e, assim, deixamos Londres para atravessar o Atlântico no nosso pequeno barco, com destino a Saint Thomas, onde logo encontrei nôvo lugar como professor.

Suave brisa enchia as velas do *Guinevere* e o Sol nascente dava-lhes um colorido rosa. O único companheiro que tínhamos a bordo, Duke, enfiou a cabeça para fora da escotilha e disse:

Rodney Strúlo

—O tempo vai continuar assim. Pelo menos é o que diz o Serviço de Meteorologia que acabo de ouvir no rádio.

Nós havíamos conhecido Duke somente dois dias antes, no cais de Charleston, e logo simpatizamos com êle. Era um ex-mergulhador da Marinha, alto e forte, que também queria viajar para o Caribe. E bem que nós agradeceríamos uma ajuda extra. Aceitamos a sua cooperação, e ali o tínhamos, o rosto jovem e sorridente quase perdido na imensa gola de pele que encimava os restos de um velho blusão impermeável.

Durante todo o dia o vento refrescou bastante, contrariando a previsão meteorológica. Ao cair da noite estava já a tamborilar através dos cabos das velas e dos mastros. Desci para preparar no pequeno fogão a gás da cabina o nosso jantar de presunto com ovos e ervilhas. Travamos a roda do leme e comemos juntos à luz bruxuleante da lamparina de querosene. Não o faríamos novamente durante os próximos três dias.

**“Nada de Apreensões.”** De volta ao convés, encontramos o *Guinevere* a lutar contra as vagas, deixando para trás verdadeiras nuvens de borifo. Duke e eu colhemos e amarramos embaixo a vela do mastro grande. Em seguida subi ao tijupá, a fim de guarnecer novamente a roda do leme. O mar estava ficando cada vez mais grosso. Da noite densa e escura em torno do círculo iluminado do mostrador da agulha surgiam ondas



encarneiradas que faziam um ruído sibilante ao suspender o barco e arrebentar, produzindo mais espuma.

Quando chamei Duke para me render no quarto, não foi preciso mais que tocá-lo. Acordou imediatamente.

—O barômetro ainda está caindo —disse-lhe eu.

Arriamos com dificuldade a pequena vela de ré. Antes de conseguirmos colhê-la, porém, rasgou-se tôda e os seus cabos ficaram sacudindo ao vento.



—Nada de apreensões—exclamou Duke no momento em que Heather e eu entrávamos na cabina, acrescentando logo:—amanhã teremos ventos favoráveis.

Cêrca de meia-noite acordei com o barulho das ondas a chocarem-se contra o costado. Heather estava de pé, com 30 centímetros de água pelas canelas e embrulhava o rádio em fôlhas de plástico.

—O único lugar sêco é a geladeira disse Heather.—Já guardei nela o sextante e fósforos. Ia chamá-lo, mas

achei que você precisava de sono.

Fiz uma rápida inspeção. O *Guinevere* faziã muita água. As bombas elétricas estavam funcionando, mas, mesmo assim, o nível subia sempre. Passei a Heather um colête salva-vidas e providenciei outros para Duke e para mim, dizendo-lhes:

—É melhor vocês vestirem estas coisas. Vamos baldear.

Apanhei água com um balde junto ao pé da escada da escotilha. Heather, que se encontrava acima, empoleirada na escada, apanhou o balde que

lhe passei e inclinou-o para fora da escotilha. Mas não precisou esvaziá-lo; o vento arrebatou a água.

Quando substituí Duke na roda do leme, êle tomou meu lugar embaixo na faina de baldear. Depois de certo tempo Heather notou que êle estava cambaleando, e perguntou-lhe:

—Você está-se sentindo bem?

—Não muito—admitiu Duke.

—Está bem, troquemos de pôsto; suba para aqui e vomite à vontade.

Em tudo o que fêz depois, Duke teve de lutar sempre contra a náusea e a fraqueza do enjôo.

**Um Deserto Ululante.** Na terça-feira o Sol não apareceu. No terrível amanhecer daquele dia, apenas uma luz cinzenta conseguia filtrar-se através de pesadas nuvens, revelando embaixo o mar encapelado. Uma enorme onda, de mais de 12 metros, mais alta que o mastro de ré, veio vindo pela pôpa enquanto eu e Duke a observávamos atemorizados. Quando sua crista nos atingiu, o *Guinevere* subiu com a pôpa contra o céu num vôo de enlouquecer. De cima nós vimos um verdadeiro manto de névoa e borrifo a cobrir o ululante deserto do oceano. Um momento depois caíamos no cavado da próxima onda.

—Rodney, êste é um furacão caprichoso—disse Duke.—Tivemos um igual no Pacífico.

Heather segurava o leme; uma figura frágil, que, não obstante, irradiava confiança e fôrça. Se se pedia a Heather que guarnecesse um cabo,

ela o fazia, mesmo que êle a projetasse para fora do convés. Nós havíamos reunido todos os cabos soltos de bordo e os tínhamos amarrado à pôpa, não só para reduzir a velocidade do barco, mas também para abrandar um pouco o choque das vagas sôbre o costado. Olhei o mar em tórno. Se um de nós caísse na água, seria impossível parar o *Guinevere* para efetuar uma busca.

Por medida de precaução, desembalamos o pequeno salva-vidas de borracha. Duke tentou inflá-lo utilizando as empôlas de gás carbônico que trazíamos. Como não conseguisse sequer fazer o salva-vidas tomar forma, jogou as empôlas na água, e procurou em seguida encher a câmara com a bôca. Mas os pulmões humanos não foram feitos para tal serviço. Nosso caro salva-vidas tornara-se inteiramente inútil.

—Sempre poderemos nadar—disse Heather.

—Você se esquece de que *eu não sei nadar*—retruquei.

Rimas às gargalhadas.

**Meio Submersos.** Voltamos à nossa rotina: um no leme, dois na faina de baldear. Às sete e meia da manhã a coisa se acalmou um pouco. Chegamos a pensar que o furacão ficara para trás, mas o vento tornou a soprar mais forte da mesma direção anterior, com látégas de granizo. Cêrca de meia hora depois ouvi Heather gritar. Estendi-me de bruços rapidamente para ver o que acontecia embaixo: a cabina estava literalmente cheia de água.

Heather soluçava quando cheguei perto dela.

—A onda . . . não a galgamos. Ela quebrou bem em cima de nós.

Apertei-a nos meus braços. Duke tomou a roda do leme e gritou:

—O leme não obedece. Vamos baldear!

Todos os três passamos a trabalhar desesperadamente. O pequeno barco, cheio de água até à metade, perdia a flutuabilidade e girava como um toro de madeira. Durante alguns minutos o mar amainou e lentamente o *Guinevere* voltou a flutuar. O vento tornou-se mais estável, ganhámos velocidade, e o leme voltou a obedecer.

Mas, a partir dêste ponto, tudo mudou. Nenhum de nós pensava mais em terminar a viagem. Sòmente pensávamos em sair vivos da aventura. O *Guinevere* parecia um relicto. O material do convés tinha sumido no mar, a tampa da escotilha também desaparecera e o madeirame estava em petição de miséria, inclusive as anteparas da superestrutura. A água penetrava directamente no porão.

“**Mayday! Mayday!**” \* Embaixo, na cabina, rasguei o embrulho do rádio na esperança de que êle se tivesse mantido sêco. O ponteiro do amperímetro deslocou-se lentamente dando indicação de corrente. Com

\* *Mayday*: corruptela da expressão francesa *m'aidez* (ajudem-me), que se transformou em sinal radiotelefónico internacional de pedido de socorro, equivalente ao sinal radiotelegráfico S.O.S.

grande ruído do aparelho, começamos a transmitir para o mundo que ficava além da tempestade.

—*Mayday! Mayday!*—comecei a falar.—Iate *Guinevere* chamando Guarda Costeira. Posição aproximada 110 milhas leste-sueste de Charleston. Meu barco está afundando!

Era como se eu estivesse tentando evitar um acidente de automóvel: o pé firme no freio e apenas podendo esperar para ver o que aconteceria.

Repeti o chamado de socorro, e tornei a repeti-lo, lentamente. De repente veio uma voz calma e tranquilizadora:

—Guarda Costeira de Charleston chamando *Guinevere*. Recebi sua mensagem. Sua posição: 110 milhas leste-sueste de Charleston.

Gritei pelo tubo acústico para Heather e Duke lá em cima:

—Êles sabem que nós estamos aqui!

**Sem Arrependimento.** Durante os três dias que se seguiram, a morte rondou constantemente o nosso barco, a uma distância nunca maior que o comprimento de uma onda. Um cargueiro passou perto, parecendo que manobrava em nossa direcção, mas logo desapareceu na névoa espessa da tempestade. O rádio parou de funcionar.

Mas nós reagíamos. Tampávamos os buracos do casco com pedaços de madeira e lona. Esvaziávamos e governávamos o barco. Hora após hora a nossa crença na vida era posta à prova. No esfôrço e na dor de cada

movimento tínhamos de reafirmar a nossa vontade de sobreviver.

Uma tarde um avião passou tão baixo por sobre as nossas cabeças que pudemos ler nas suas asas as iniciais do Serviço da Guarda Costeira. Acenamos e gritamos, mas êle sòmente estêve visível durante uns poucos segundos. Duvidamos que nos tivessem visto.

Comecei a perder a esperança, e disse a Heather:

—Sinto muito tê-la metido nesta enrascada.

—Foi um risco que ambos resolvemos correr—respondeu ela.—E temos sido muito felizes juntos. Não me arrependo.

Pelejávamos dia e noite, e nem mais sentíamos os nossos ferimentos, o frio e a umidade. Também não ouvimos mais o interminável uivar da tempestade. Havíamos superado a exaustão e até o próprio pensamento. Depois de combater durante horas o desejo de cair na água e dormir, o próprio desejo desapareceu.

O vento era tão forte que reduziu a farrapos e arrebatou os restos das velas de Dacron que estavam recolhidos e amarrados nas retrancas.

**Pelo Bico da Chaleira.** Como era impossível cozinhar, nós nos arranjávamos bebericando água e leite enlatado. Entretanto, à medida que o *Guinevere* se ia arruinando, os tanques se contaminavam e logo não mais tivemos água doce. Na tarde de quinta-feira Heather nos passou uma chaleira, dizendo:

—Êste é o jantar: ovos crus batidos com *ketchup*.

Interrompendo a faina de baldear, Duke e eu sùbitamente percebemos como estávamos famintos e sedentos. Passamos todos a sorver a mistura pelo bico da chaleira.

Duke comentou:

—Hoje é dia de folga da minha pequena, Betty; tôda quinta-feira janto na casa dela . . .

Sentíamo-nos curiosamente tranquilos na desolação da arruinada cabina que havia sido o nosso lar. Conversávamos com brandura e afeição e estávamos em paz com o mundo. O que não era essencial perdia por completo a significação diante do perigo em que vivíamos. Quando rezávamos, não era para pedir um milagre, mas para rogar a Deus que nos desse fôrças para continuar lutando, a fim de ainda podermos desfrutar na hora seguinte a suprema ventura de viver.

Quinta-feira à noite Duke ligou o seu transistor de bôlso, que, apesar de tudo, ainda funcionava, na esperança de ouvir música. Uma voz anunciou:

—A busca do iate *Guinevere* foi abandonada. Ê considerado perdido . . .

Abafamos o resto do noticiário com as nossas gargalhadas.

—Estamos perdidos! São êles que o dizem a nós!

**Ossos Quebrados.** Na sexta-feira o vento voltou a refrescar. Consegui tomar a altura do Sol e traçar na carta uma linha de nossa posição.

Estávamos a umas 240 milhas da costa. Então . . .

Foi Heather que o viu primeiro. Era um petroleiro a uns 750 metros de distância à ré. Ouvimos o suspiro de alívio de Heather e olhamos. Podíamos ler o nome na proa: *Esso Greenville*. Êle parecia manobrar em nossa direção. Duke disse:

—Desta vez êles nos vêem.

Já havíamos dado nossas vidas por perdidas, e então surgia outra oportunidade de salvação!

O petroleiro manobrou lentamente, colocando-se a barlavento para nos proteger do mar grosso. Sua tripulação acenava da balaustrada. Atiraram-nos um cabo. Amarrei-o com rapidez ao pé-de-carneiro\*\* por ser o ponto de maior resistência do barco. Ao primeiro arranco do cabo o pé-de-carneiro foi puxado para fora. Os ossos do *Guinevere* estavam quebrados, e o barco se projetou contra o costado do petroleiro.

O pessoal que estava no passadiço do navio viu o que se passava embaixo. Alguns homens tentavam febrilmente manobrar os paus de carga. Arriaram outro cabo com uma guindola prêsa no meio do cabo. Um dos oficiais gritou:

—Tirem essa mulher.

\*\* Pé-de-carneiro: peça vertical da estrutura do navio ou barco, com forma de poste.

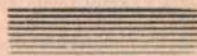
—Ela é um marinheiro—gritou Duke em resposta—tão bom quanto qualquer de nós.

Em seguida Duke passou a guindola por cima da cabeça de Heather.

Enquanto os marujos do petroleiro içavam o cabo com Heather sentada na cadeirinha, êle o segurava pela extremidade inferior para mantê-lo retesado a fim de impedir que Heather se chocasse contra o costado do navio. Depois foi a vez de Duke subir e a minha de retesar o cabo.

Não havia ninguém para fazer o mesmo por mim. Até então eu tivera para motivar-me o pêsso da responsabilidade. Tudo porém terminara, e eu me sentia vazio de vontade. Enquanto eu hesitava, o *Guinevere* jogou pela última vez. Agarrei-me à guindola e êles me içaram rápido. Dei apenas uma batida no costado do petroleiro. Pouco depois encontrava-me seguro no seu convés.

Heather, Duke e eu ficamos a olhar silenciosamente o mergulho final do *Guinevere* numa onda. Os homens da tripulação do navio juntaram-se em tórno, para nos apertar as mãos ou colocar o braço em volta dos nossos ombros. Havíamos escapado da morte e aprendido como a vida é simples, preciosa e frágil. Resolvemos não desperdiçar nem um momento dela daí por diante.



*O mundo é em grande parte conduzido segundo a teoria de que não precisamos ter consideração com os outros quando estamos guiando um caminhão de cinco toneladas.*

—The Irish Digest